

A velha terrina

Esta popular e velha terrina, já com grampos, foi levada de Portugal para Roma, por expresso desejo de um santo moderno, Josemaria Escrivá. Ao olhar para ela, pensava na misericórdia de Deus.

02/06/2011

Em 1972, S. Josemaria Escrivá visitou Portugal. Na casa onde ficou hospedado, chamou-lhe a atenção esta rústica terrina de barro com a palavra «Amo-te», e já com grampos por se ter partido. Gostou imenso

dela. Pediu que lhe deixassem levá-la para Roma. Levantou o tampo, provou um dos pequenos chocolates em forma de coração com que a tinham enchido.

Esta peça tinha sido comprada numa loja de velharias, em Coimbra. O comprador, o P. Hugo de Azevedo, achou que podia agradar ao fundador do Opus Dei, pois falava muitas vezes da nossa fragilidade e da misericórdia de Deus. O nosso amor a Deus e ao próximo é frágil como um vaso de barro. Mas Deus, na sua misericórdia, repara-nos de forma a ficarmos como novos.

Mas deixemos que o conte quem o testemunhou em primeira mão.

As recordações do P. Hugo de Azevedo*

É desse dia, após o almoço, a história de uma velha terrina – uma antiga terrina popular, rachada e

recomposta solidamente com sete grampos de ferro – que lhe apresentámos cheia de chocolates em forma de coração.

Comprara-a eu poucos meses antes em Coimbra, numa loja de velharias – o Plácido – da rua da Sofia. Quando a descobri na montra deu-me um pulo o coração: seria um presente ideal para o Padre! Tantas vezes nos falava dos vasos rachados – frágeis, como a nossa alma – que se consertam com uns bons grampos e ficam mais graciosos do que antes –, tal como fica cheia de graça a nossa alma arrependida, depois de uma boa Confissão.

Não era um vaso, mas era uma terrina, um puchero, outra imagem que usava com frequência, comparando o espírito da Obra ao velho púcaro ou caldeiro rústico donde todos os membros de família, sentados ao redor da mesa, iam

tirando aquilo de que necessitavam, cada um segundo a sua idade e o seu apetite. Um único prato para todos; assim como é um só o espírito do *Opus Dei*; mas de aplicação tão variável como as condições de cada qual.

E, ainda por cima, entre as ramagens pintadas no testo e no bojo, em letra corrida, quase infantil, o artista decorara a terrina com a mais simples declaração de amor, oito vezes repetida: «Amo-te, Amo-te, Amo-te...».

Quando a viu, no dia seguinte, sobre a mesa da sala de estar, comoveu-se. Gostou imenso da velha terrina portuguesa e já não quis separar-se dela. Que a levassem para Roma. Queria vê-la muitas vezes. Dar-lhe-ia muita presença de Deus. E assim se fez.

Erguendo a tampa, provou um dos pequenos chocolates com forma de coração, envoltos em pratinha

*vermelha, com que a tinham
recheado, e achou-lhes graça: – «Que
doces são os corações dos meus filhos
portugueses!»*

*Até o Senhor o levar para o Céu,
quantas vezes se referiu a ela,
extraíndo lições que só uma alma
enamorada de Deus seria capaz de
tirar!*

*– «Vistes aquela terrina com grampos
que os meus filhos de Portugal tinham
preparado para mim?» – perguntava
uns meses mais tarde em Roma. –
«Surpreendeu-me. Estávamos em
Enxomil, a Casa de retiros que há
junto do Porto.*

*E trouxeram-me uma terrina velha,
talvez de princípios do século
passado; uma terrina de louça, aldeã,
muito simpática. É uma coisa vulgar,
mas a mim encantou-me, porque se
via que a tinham usado muito e se
tinha rachado - devia ser de uma
família numerosa - e tinham-lhe posto*

bastantes grampos para continuarem a usá-la.

Além disso, como adorno, tinham escrito, e ali tinha ficado depois de tirá-la do forno: amo-te, amo-te, amo-te [...]. Pareceu-me que aquela terrina era eu. Fiz oração com aquela peça velha, porque também eu me vejo assim: como a terrina de barro, partida e com grampos, e gosto de repetir ao Senhor: – “Com os meus grampos, amo-Te tanto!” Podemos amar o Senhor mesmo estando quebrados, meus filhos!»

* Excerto do livro: "O fundador do Opus Dei em Portugal", Hugo de Azevedo, Lucerna (2021).

pdf | Documento gerado
automaticamente a partir de [https://
dev.opusdei.org/pt-pt/article/a-velha-
terrina/](https://dev.opusdei.org/pt-pt/article/a-velha-terrina/) (09/08/2025)